



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

ENTRE O “BÁSICO” E O “ESPECÍFICO”: ANÁLISE DAS GRADES CURRICULARES DO CURSO DE JORNALISMO DA ECA-USP

ENTRE 1973 E 1984

João Pedro Malar; joaopedromalar@usp.br
Bruno Militão; brunomilitao@usp.br (coautor)

RESUMO

Este trabalho analisa as grades do curso de jornalismo da ECA-USP tendo o período compreendido entre 1973 e 1984 como recorte cronológico. Trata-se da continuidade de uma pesquisa em desenvolvimento que toma como base todas as grades curriculares do curso desde a sua criação até a contemporaneidade. Neste texto, propõe-se a análise da fase que os autores denominam “Consolidação e fim progressivo do Ciclo Básico”, a partir de uma metodologia híbrida, qualitativa e quantitativa. Como resultado, identificamos, por um lado, um reflexo da consolidação do campo acadêmico da comunicação, com uma constância no oferecimento de disciplinas de fundamentação em comunicação; por outro, indicamos um esforço para estruturação de um campo teórico-prático específico para o jornalismo, na medida em que houve uma expansão acelerada e significativa das disciplinas de fundamentação e natureza profissional em jornalismo no período analisado.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Ensino de jornalismo. Grades Curriculares. ECA-USP. Ciclo básico.

1. INTRODUÇÃO

Os anos 1970 representaram um momento fundamental para a consolidação do campo acadêmico da comunicação e do jornalismo no Brasil. Na referida década, diversos cursos e escolas de comunicação foram criados, e outros iniciaram seu processo de consolidação. Diversas associações da área são fundadas, dentre elas a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom), em 1977, que em muito contribuiu para o fortalecimento acadêmico e profissional, em relação ao mercado de trabalho, da área. Tudo isso em meio a um contexto de



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



REDE
BIOTA
CERRADO

repressão, perseguição e censura aos meios de comunicação e ao jornalismo. Pensar os desafios para o fazer jornalístico naquele momento significa também refletir sobre o desenvolvimento do campo acadêmico da comunicação – e, portanto, pensar também sobre o ensino nesse contexto.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é dar continuidade às análises da evolução da grade curricular do curso de jornalismo da ECA-USP, tendo como foco, neste trabalho, uma segunda fase do curso, delimitada por nós pelo período entre os anos de 1973 e 1984. A pesquisa se insere em um projeto mais amplo, que analisa a evolução da grade desde a sua criação até os anos atuais¹.

Para isso, apresentamos uma análise focada na segunda fase identificada pela pesquisa. Desenvolvemos, primeiramente, uma breve contextualização sobre as determinações do Conselho Federal de Educação (CFE) vigentes no período analisado. Além disso, reunimos um panorama histórico a respeito do contexto em que as atividades didáticas da ECA-USP eram desenvolvidas em meio à Ditadura. Apresentamos, em seguida, uma análise híbrida, qualitativa e quantitativa, das grades horárias do curso de jornalismo nos anos escolhidos, detalhando a metodologia empregada, as observações realizadas e apontamentos pertinentes, com um enfoque na evolução, mudanças e permanências dessas grades dentro do período considerado. Com isso, finalizamos o artigo com reflexões possíveis e apontamentos para pesquisas futuras.

2. CONTEXTO HISTÓRICO: OS CURRÍCULOS E A ECA-USP

A década de 1970 representa um período importante para os campos da comunicação e do jornalismo no Brasil, não apenas considerando o contexto histórico da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) – e o que significava *fazer jornalismo* em

¹ Como explicado em trabalho anterior (Malar; Garcia, 2025), as grades curriculares foram reunidas, analisadas e divididas em seis fases.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



momento de profundos cerceamento de liberdades e repressão – mas também considerando a centralidade que o mercado de trabalho de comunicações teve naquela época. As diversas mudanças socioeconômicas pelas quais o país passava favoreceram um crescimento significativo do número de cursos de comunicação social em nível superior, ou mesmo de escolas de comunicação de modo mais amplo.

No caso específico do jornalismo, a regulamentação e a obrigatoriedade do diploma de jornalismo para exercício da atividade profissional em 1969 contribuíram para a criação e desenvolvimento de mais e mais cursos de graduação em jornalismo (Oliveira, 2023). Para fins de exemplo, apresentamos alguns números levantados em pesquisa realizada pela professora Michelle Roxo de Oliveira (2023): em 1968 existiam 20 cursos de jornalismo no Brasil; em 1972, esse número passou para 46, com concentração nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. No final dos anos 1970, o país teria cerca de 60 escolas de comunicação em funcionamento.

O contexto da Ditadura Civil-Militar não pode ser desconsiderado nas reflexões a respeito da instituição de currículos mínimos para os cursos de comunicação – para além do cenário de repressão nas instituições de ensino e de perseguição a professores e alunos. Alguns autores, inclusive, apontam que a expansão dos cursos de comunicação social, em especial nas habilitações de relações públicas e publicidade e propaganda, visava à formação de “comunicadores menos vinculados a compromissos públicos e mais de acordo com o desenvolvimento da propaganda e de técnicas de relações públicas para as organizações e instituições públicas” (Weber, 2000 *apud* Oliveira, 2023).

No ano que inicia o recorte cronológico que analisamos neste trabalho (1973), ainda vigorava o terceiro currículo mínimo de comunicação social, cuja resolução havia sido publicada em 1969. Por meio desse currículo mínimo, os cursos de jornalismo tornaram-se habilitações do curso de comunicação social. Nesses novos moldes, o curso de comunicação social dividia-se em dois grandes núcleos: o tronco



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



comum (ou, como era denominado em todos os currículos da ECA entre 1973 e 1984 analisados, Ciclo Básico) e o ciclo específico, voltado à formação profissional das respectivas habilitações, que eram, inicialmente, jornalismo, publicidade e propaganda e relações públicas.

Em 1977, foi aprovado o Parecer n. 1.203/1977, que previa uma nova reformulação curricular para o curso de comunicação social. Já em contexto de transformações políticas e início de discussões a respeito da redemocratização do país, essa nova proposta, diferentemente das anteriores, tinha como foco a formação de um comunicador que pudesse intervir socialmente a partir de seu trabalho, aspirando a transformações a partir de uma visão histórico-crítica (Oliveira, 2023, p. 31-32). Após um intenso e complexo processo de discussões entre o Conselho Federal de Educação (CFE) e diversas entidades da área da comunicação, um novo currículo mínimo foi aprovado em 1978, extinguindo a figura da formação polivalente e institucionalizando as habilitações para o curso de comunicação social (agora acrescidas das habilitações de rádio e TV e cinema) (Oliveira, 2023, p. 33).

Como analisa Oliveira (2023, p. 35), esse quarto currículo mínimo – ainda que buscasse reforçar a necessidade de uma formação sólida nas humanidades, instituindo matérias de fundamentação geral humanística como Sociologia, Psicologia Social, Antropologia Cultural, Cultura Brasileira, entre outras, para além de disciplinas específicas da área da comunicação – dedicou especial atenção ao eixo profissionalizante das habilitações, na tentativa de “responder a setores que pressionaram por um modelo de formação profissionalizante, calcado na estrutura habilitacional, que garantisse treinamento prático efetivo no ambiente acadêmico”. Pode-se, inclusive, comprovar essa perspectiva analisando as disciplinas de “natureza profissional” desse novo currículo. São elas: Técnicas de Codificação em Jornalismo; Técnicas de Produção e Difusão em Jornalismo; Técnicas de Administração em Jornalismo; Técnicas de Mercadologia em Jornalismo. Há outras duas disciplinas



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



nesse grupo que não possuem o termo “técnicas” em seu nome: Deontologia dos Meios de Comunicação Social e Legislação dos Meios de Comunicação Social.

As disciplinas “técnicas” (com essa terminologia na identificação) aparecem nos currículos ecanos de jornalismo apenas a partir do ano de 1981, o que nos leva a inferir que foi apenas no início dos anos 1980 que a ECA conseguiu colocar em prática o currículo proposto pela resolução do fim dos anos 1970. Em 1980, após críticas ao currículo de 1978, especialmente de empresas e conglomerados jornalísticos de São Paulo, o CFE instituiu uma nova comissão para a proposição de um estudo de currículo para o curso de comunicação social – apenas dois anos após a instituição do quarto currículo mínimo. Essa sequência de acontecimentos contribuiu para a não aceitação da nova resolução, já que era pública a informação a respeito da publicação de resolução para um novo currículo (Moura, 2002 apud Oliveira, 2023).

Há que se considerar, ainda, os contextos histórico, político e social em que todas essas mudanças determinadas pelo CFE aconteceram – e, mais à frente, veremos como isso impactou diretamente as atividades da ECA. Especificamente em relação a reformulações curriculares, trata-se de complexo processo que envolve especificidades que não se limitam aos campos pedagógico ou didático (também complexos): questões administrativas (de aprovações de documentação em diferentes níveis nas universidades); de recursos humanos (corpo docente) e materiais (equipamentos, estrutura e espaço físicos); etc.

O novo currículo, o quinto currículo mínimo de comunicação social, foi aprovado em 1984. Ele exigia mais recursos tecnológicos e materiais das escolas e, pela primeira vez, ainda definia o perfil docente para as disciplinas específicas da formação profissional: os professores deveriam ser diplomados, com registro da categoria e experiência profissional comprovada, além das exigências acadêmicas².

² Não iremos aprofundar as discussões a respeito dessa reforma na medida em que o último currículo do recorte cronológico deste artigo é justamente o do ano de 1984 e, portanto, não chegou a ser afetado por esse novo currículo.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Especificamente em relação aos impactos dessas determinações do CFE na ECA, cujos currículos estudamos, deve-se considerar que os primeiros anos da década de 1970 representaram o período de formação das primeiras turmas ingressantes da Escola de Comunicações e Artes – uma das poucas no país à época. Assim, diversos jornalistas recém-formados na instituição passaram a ministrar disciplinas no Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE), especialmente aqueles que já estavam atuando profissionalmente e também vinculados como alunos a programas de pós-graduação (não necessariamente na área de comunicação). A título de exemplo, citamos os casos de Dulcilia Buitoni, Jair Borin, Jeanne Marie de Freitas, Alice Mitika Koshiyama, Wilson da Costa Bueno, Ciro Marcondes Filho e Gisela Ortriwano. Esse movimento reflete o contexto da constituição e do desenvolvimento do campo acadêmico da comunicação e do jornalismo no Brasil, e é a partir dele que se desenvolvem as grades curriculares analisadas neste trabalho.

O cenário de repressão, perseguição e censura nas universidades teve impacto direto na manutenção das atividades curriculares programadas para as efervescentes turmas dos cursos de graduação da ECA. O ano de 1975 ficou especialmente marcado por esse panorama na escola, considerada o “principal foco de agitação na USP” segundo documento assinado por um comandante do II Exército (Chrispiniano, Figueiredo, 2004, p. 63). Citamos três acontecimentos para fins de ilustração do período. Por meio de um decreto presidencial de 1979, que tinha como base o Ato Institucional n. 5 (AI-5) de 1968, diversos professores da USP e de outras instituições de ensino superior foram compulsoriamente aposentados. A partir de então, teve início um processo que ficou conhecido como “cassação branca”, que se referia a desligamentos arbitrários, de forma não oficial.

Na ECA, instituto uspiano criado havia menos de uma década, diversos professores não eram concursados, e seus contratos eram renovados periodicamente para que continuassem as atividades docentes. Assim, para “expulsar” os professores



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



considerados “perigosos” ao regime ou ideologicamente contrários à Ditadura, um dos movimentos institucionais residia na não renovação dos contratos (Dias, 2019).

Alguns professores do CJE foram diretamente afetados por essas perseguições³. O professor Freitas Nobre foi afastado por alegado acúmulo de função: ele havia se aposentado como procurador do Instituto Nacional de Previdência Social (INSS) e fora eleito deputado federal em 1970, quando já era professor da ECA, sendo afastado em 1972. O professor José Marques de Melo “foi enquadrado no Decreto-Lei 477/1969, que definia ‘infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares’” (Ágora ECA, 2021). O motivo teria sido o desenvolvimento do material denominado “Técnica do Lide”⁴ (publicado em 1968 e reeditado em 1972), uma seleção de trechos de diferentes jornais e revistas mostrando formas de construção do lide jornalístico – o que foi considerado subversivo pelos militares. Ele foi afastado da direção do departamento e, em 1974, após retornar de um pós-doutorado na Universidade de Wisconsin, foi demitido⁵. Em 1974, o professor Jair Borin foi preso dentro da USP, nos corredores da ECA; a alegação para a prisão teria sido seu envolvimento com um partido trotskista quando morava em Recife, em meados dos anos 1960, e pelo engajamento no Sindicato dos Jornalistas em São Paulo, nos anos 1970 (Ágora ECA, 2021).

³ A historiadora Lis de Freitas Coutinho realizou uma pesquisa acerca desses casos em sua tese de doutorado, intitulada “Interdição e silenciamento: o resgate da história da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo a partir dos processos administrativos de desligamento de docentes no período ditatorial (1969-1979)”, concluída em 2018 na ECA. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-11092018-100135/pt-br.php>. Acesso em 13 mar. 2026.

⁴ Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2019/06/T%C3%A9cnica-do-Lide.pdf>. Acesso em 14 mar. 2026.

⁵ Até 1979, o professor José Marques de Melo e outros professores não puderam retornar às atividades na universidade pública, o que só seria possível após a Lei da Anistia. Nesse período, Marques de Melo passou a compor o quadro dos professores do Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS), atual Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). É também nesse contexto que Marques de Melo capitaneia a fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom), em 1977.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Outro caso foi o ocorrido com o professor Sinval Medina em 1974, momento em que exercia o cargo de vice-chefe do CJE. Naquele ano, foi reprovado em seu exame de qualificação de mestrado. Em razão disso, em fevereiro do ano seguinte, 1975, seu contrato como professor não foi renovado. Como forma de protesto e solidariedade à situação, alguns professores pediram seus respectivos desligamentos do departamento: Cremilda Medina, Paulo Roberto Leandro e Walter Sampaio.

Esse contexto, de desligamentos e saídas de diversos professores do CJE, possibilitou a chegada ao departamento de um nome importante para a história da ECA, do jornalismo e do Brasil: Vladimir Herzog. Em razão dos muitos desligamentos de professores do departamento no primeiro semestre de 1975 – o que, inclusive, motivou uma greve estudantil pela saída do diretor da escola, Manuel Nunes Dias –, a jornalista e aluna de pós-graduação da ECA Dilea Frate sugeriu o nome de Vlado, apelido de Herzog, que à época ocupava o cargo de diretor de telejornalismo na TV Cultura, para a professora Gisela Ortriwano, uma das responsáveis pela área de jornalismo sonoro e audiovisual no CJE. Após a aprovação da indicação do jornalista pelo Conselho de Graduação, ele passou a ser professor voluntário de telejornalismo no departamento, até que sua contratação fosse efetivada. Como conta Frate, que também atuava como professora voluntária, esse era um procedimento comum à época: “A gente começava a dar aulas e esperava a contratação. Muitos professores ficaram sem receber durante esse período” (Dias, Dias, 2015, p. 10).

Herzog ministrou a disciplina de telejornalismo no CJE até a semana em que foi assassinado pela Ditadura nas dependências do DOI-CODI de São Paulo, em 25 de outubro de 1975. O jornalista ainda ministrava a disciplina como professor voluntário, pois aguardava a publicação do seu contrato de trabalho no Diário Oficial.

Esse quadro, como se pode imaginar, contribuiu ainda mais para a desestruturação de diversas atividades, não apenas no CJE ou na ECA, mas em



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



diversas escolas de jornalismo pelo país. Como aponta a professora Alice Mitika Koshiyama, nos anos 1970,

A proposta de se fazer das escolas de jornalismo local de aprendizagem da profissão pôde ser vivenciada pelos estudantes nas piores condições objetivas para o trabalho. Não por opção de alunos e professores. Mas por imposição das conjunturas históricas: fechamento político, precariedade absoluta de meios para a execução de um trabalho jornalístico contínuo e periódico, impotência da maioria do corpo docente foram condições que marcaram as atividades de ensino de jornalismo na ECA/USP nos anos setenta. (KOSHIYAMA, 1999, p. 3)

Segundo relatos de professores do departamento, 1975 foi um ano praticamente sem aulas ministradas. A professora Dulcilia Helena Schroeder Buitoni, à época responsável pela disciplina “Linguagem Jornalística e Editorial”, explica que, em razão das greves discentes do primeiro semestre – “talvez a maior crise da ECA” (Buitoni, 1991, p. 37) –, diversos professores dobraram a carga horária no segundo semestre daquele ano, ministrando concomitantemente dois semestres de disciplinas, para cumprir o planejamento das atividades didáticas. Ou seja, mesmo seguindo a proposta das disciplinas conforme apresentadas na grade curricular, não foi possível ministrá-las exatamente da forma planejada.

Como comentado em trabalho anterior (Malar, Garcia, 2025, p. 18), o estudo das grades curriculares de cursos de graduação, ainda que possua limitações, “fornece insumos suficientes para refletir sobre as mudanças no curso de jornalismo ao longo dos anos, sinalizando transformações e novos direcionamentos do curso em meio a um contexto de intensas mudanças”. Junto a essa reflexão, entendemos ainda que essa forma de análise das grades aponta para “uma intencionalidade, por parte do corpo docente estruturante do curso, sobre seus aspectos didáticos” (ibid.), o que não necessariamente reflete concretamente a realidade, especialmente em momentos de grandes tensões políticas e sociais, como podemos depreender a partir do panorama histórico a que nos dedicamos nesta seção.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Ainda assim, concordamos com Koshyiama, segundo a qual o reconhecimento de limitações decorrentes da conjuntura histórica, “assumidas segundo nossas circunstâncias e precariedades, é um caminho para se debater o processo de aprendizagem. A experiência histórica comprova o caráter permanente do ensino, visto enquanto atividade cultural e política” (Koshyiama, 1999, p. 7).

3. METODOLOGIA E ANÁLISE

O primeiro passo do estudo envolveu consulta aos materiais da Seção de Graduação da ECA-USP, em que tivemos acesso às versões impressas de todas as grades horárias do curso de jornalismo entre os anos de 1967 e 2019. As grades foram, então, fotografadas e usadas de base para a criação de uma planilha reunindo cada uma das grades. Posteriormente, realizamos uma análise de cada uma em busca de padrões, possibilitando uma proposta de categorização e divisão das grades.

Com a análise, chegamos à proposta de divisão das grades em seis fases: Anos Iniciais e Consolidação (1967-1972), Consolidação e Fim Progressivo do Ciclo Básico (1973-1984), Criação de um Currículo Próprio do Curso (1985-1994), Fase das “Saídas” (1995-1999), Reestruturação e Estabilização (2000-2016) e Bacharelado em Jornalismo (2017-atualidade). A divisão leva em conta momentos importantes para o curso, como a proposta de “saídas” para os alunos em diferentes especializações (em meios impressos e meios eletrônicos), a adequação às novas normas do MEC de 2014 e o encerramento do Ciclo Básico na década de 1980, tema central deste artigo.

A segunda fase analisada apresenta algumas diferenças relevantes em relação à primeira, foco de um estudo anterior realizado por nós (Malar, Garcia, 2025). Foi possível observar uma alta mutabilidade das grades nos primeiros anos do período, em linha com o encontrado na primeira fase. Entretanto, os anos finais desta fase mostram uma estabilidade mais expressiva, marcada pela retirada progressiva de



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



disciplinas do chamado “Ciclo Básico” e expansão das disciplinas específicas voltadas aos alunos da graduação em jornalismo.

Com a divisão, analisamos especificamente as grades curriculares da segunda fase. O primeiro passo foi a elaboração de uma nuvem de palavras para identificar quais seriam os termos mais frequentemente usados ao longo desses seis anos nos títulos das disciplinas. A construção da nuvem de palavras foi feita a partir do software WordArt, desconsiderando preposições e palavras que se repetem menos de 3 vezes. Com isso, chegamos ao seguinte resultado:

Imagem 1: Nuvem de palavras a partir das grades analisadas (1973-1984)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como é possível observar pela nuvem de palavras, os termos que mais apareceram nas grades ao longo dos anos foram “Jornalismo” (179 menções), “Comunicação” (154 menções), “Fundamentos” (38 menções), “Palestras” e “Seminários” (37 menções cada), “História” e “Problemas” (35 menções cada), “Técnicas” (29 menções), “Brasileiro” (27 menções) e “Cultura” (26 menções).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Assim como nas grades analisadas na primeira fase (1967 a 1972), os termos “Jornalismo” e “Comunicação” seguem dominando em termos de frequência de uso nas disciplinas das grades curriculares. Destacamos, porém, a ascensão crescente de termos mais ligados ao jornalismo ou que costumam vir acompanhados posteriormente da palavra “Jornalismo” e derivados. É o caso dos termos “Técnicas” (29 menções), “Jornalística” (24 menções), “Especializado” (22 menções), “Legislação” (19 menções), “Administração” (14 menções), “Interpretativo”, “Produção”, “Opinativo” e “Diagramação” (13 menções cada).

A ampla variedade de palavras associadas ao termo “Jornalismo” demonstra uma crescente complexificação e expansão da grade curricular, que passa a ganhar uma variedade maior de disciplinas específicas voltadas à atividade jornalística ou a aspectos teóricos da área. O movimento não apenas continua um fenômeno observado na primeira fase como também o intensifica. Assim, há a manutenção de disciplinas criadas em 1972 como Legislação do Jornalismo (com adição do termo “Deontologia” a partir de 1982), Administração de Empresas Jornalísticas, História do Jornalismo, Jornalismo Opinativo, Jornalismo Especializado e Jornalismo Interpretativo de 1973 a 1984. Somam-se a elas as disciplinas Política, Ideologia e Jornalismo⁶ (inicialmente com disciplinas separadas de Política e de Ideologia em 1980 e então fundidas a partir de 1981) e Teoria do Jornalismo (a partir de 1981).

Outro movimento observado foi a progressiva inclusão do termo “Jornalismo” em disciplinas que anteriormente não o possuíam, (caso da disciplina de Diagramação, com adição do termo “no Jornalismo” a partir de 1981), e a criação ou alteração de disciplinas que já existiam voltadas especificamente à área. É o caso da disciplina Jornalismo Radiofônico, que teve esse nome de 1973 a 1981, até ser

⁶ “O curso Política, Ideologia e Jornalismo, introduzido em 1980, permitiu situar a questão do jornalismo na referência política, significando um avanço mais determinado em relação ao exame da prática jornalística propriamente dita. [...] Esses parâmetros conferem a consistência necessária para a leitura informada dos jornais, para o saber sobre as suas estruturas e as condições de sua produção e, portanto, da prática do jornalismo” (Freitas, 1994, p. 57-58).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



substituída pela disciplina de Radiojornalismo, e as disciplinas de Jornalismo Televisado e Jornalismo Cinematográfico, que são substituídas em 1982 pelas disciplinas de Telejornalismo e Cinejornalismo. Em 1981, há a criação das disciplinas de Jornalismo Comunitário, Jornalismo Empresarial e Jornalismo Sindical.

As informações convergem para a conclusão de que o ano de 1981 é paradigmático para a segunda fase das grades curriculares do curso. Nele, há uma reforma mais aprofundada das disciplinas, marcadamente pelas alterações nos dois últimos anos do curso. Assim, são criadas novas disciplinas específicas para a área jornalística. O principal destaque é o surgimento, no oitavo e último semestre do curso, das disciplinas de “Projetos”: Projeto I - AUN, Projeto II - Jornal, Projeto III - Revista K, Projeto IV - Jornalismo Popular e Projeto V - Jornalismo Audiovisual.

As novas disciplinas, de forte teor prático e laboratorial, ampliam a gama disponível de disciplinas práticas para os discentes do curso. Dentre as mudanças nesse período, destacamos, ainda, a passagem da disciplina de Banco de Dados - Pesquisa para Captação e Pesquisa em Jornalismo, a unificação das disciplinas de Jornalismo Especializado e Veículos Especializados em Periódicos Especializados e a criação da disciplina Jornalismo Brasileiro (em 1980).

Outro ponto relevante nesta fase ocorre entre os anos de 1979 e 1980, em que há uma redução significativa nas disciplinas do chamado Ciclo Básico, à época comuns a todos os cursos de comunicação oferecidos pela ECA-USP. Com isso, foram eliminadas da grade disciplinas como Comunicação Linguística II, Comunicação Não-Verbal, História da Cultura e da Comunicação, Sociologia da Comunicação (com manutenção da disciplina de Fundamentos Sociológicos da Comunicação) e Teoria da Informação no Jornalismo.

De um lado, o movimento converge com o observado na fase 1 das grades no sentido de reduzir ainda mais o espaço para disciplinas mais “gerais”, de áreas como a Sociologia e a Linguística. Do outro, mostra uma novidade ao intensificar a perda



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Assim, a segunda fase abarca, sozinha, dois movimentos aparentemente contraditórios. De um lado, entre 1973 e 1980, há uma efetiva consolidação do Ciclo Básico para os cursos de comunicação da ECA-USP, já que as disciplinas que compõem o ciclo sofreram quase nenhuma alteração, inclusão ou exclusão no período, ao contrário do observado entre 1967 e 1972, indicando uma maturidade curricular em torno desse conjunto de disciplinas. Entre as poucas mudanças, destacamos a introdução da disciplina de Metodologia da Pesquisa em Comunicação em 1978 e a substituição da disciplina de Fundamentos Científicos da Comunicação pela de Teoria da Comunicação a partir de 1977. Tanto as mudanças quanto a perenidade desse conjunto de disciplinas indicam um campo da comunicação mais maduro, estruturado e com bases teóricas mais estabelecidas.

Ao mesmo tempo, e a partir de 1980, o Ciclo Básico, apesar de consolidado, passa por um processo de enxugamento na grade. Em seu lugar, há o crescimento de disciplinas específicas do jornalismo, em especial disciplinas práticas e disciplinas que passam a segmentar a atividade, seja pelo meio (rádio, TV, cinema) ou por caminhos de atuação e vertentes (opinião, interpretação, jornalismo sindical, jornalismo comunitário, etc).

Do ponto de vista quantitativo, em 1973, das 59 disciplinas que formavam a grade curricular, 17 eram da área de comunicação (cerca de 29% do total), 19 de jornalismo (cerca de 32% do total) e 23 eram disciplinas gerais (cerca de 39% do total). Já em 1984, das 44 disciplinas da grade curricular, 7 eram da área de comunicação (cerca de 16% do total), 29 eram de jornalismo (cerca de 66% do total) e 8, disciplinas Gerais (cerca de 18% do total). A mudança significativa na distribuição das disciplinas ilustra a própria alteração da orientação da grade curricular e do enfoque nas disciplinas do curso de jornalismo neste período.

Houve, ainda, um movimento inicial de concentração de disciplinas gerais e da comunicação nos primeiros dois anos do curso e, posteriormente, a inserção de



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



disciplinas de jornalismo também nos dois primeiros anos. Se em 1973 era possível identificar disciplinas como Comunicação Rural, Filosofia da Comunicação e Sociologia da Comunicação nos dois últimos anos do curso, em 1977 todas já haviam sido transferidas para os dois primeiros anos da grade ou removidas.

Novamente, a criação de disciplinas a partir de 1981 evidencia uma tendência dos cursos de jornalismo de se adaptar, e responder, ao contexto sociocultural em que estão inseridos. Se as grades de 1971 e 1972, na primeira fase, contavam com a disciplina de Comunicação Rural, agora há um espaço cada vez maior para áreas do jornalismo típicas de uma sociedade mais urbanizada e industrializada (Sindical, Empresarial, Comunitário). A disciplina de Comunicação Rural foi mantida na grade até 1980, um ano antes da inclusão das novas disciplinas. Reforçamos, portanto, a visão de que as mudanças sociais, tecnológicas, culturais e econômicas têm influência direta nas grades curriculares dos cursos da área.

Outra tendência observada nesta fase foi a progressiva redução de disciplinas cursadas no último ano do curso. Em 1973, por exemplo, o 7º semestre contava com 8 disciplinas e o 8º, com 7. Já em 1984, o 7º semestre contava com 6 disciplinas e o 8º, com 5 (todas de Projetos). A redução chegou a ser ainda maior nesse ínterim, com 2 disciplinas no 7º semestre e 3 no 8º entre os anos de 1979 e 1981.

Por fim, uma tendência que surge nesta fase e se estenderá pelas fases subsequentes da grade curricular do curso é a concentração cada vez maior de carga horária e “espaço” na grade para as disciplinas laboratoriais de jornalismo. Não à toa, os laboratórios chegam a ser identificados nominalmente na nova grade curricular de 1981, indicando um protagonismo crescente desses espaços no curso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se os primeiros anos do curso de jornalismo da ECA-USP foram marcados por uma alta instabilidade na grade curricular, com mudanças profundas a cada um, e



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



um esforço concomitante de criação de disciplinas próprias da comunicação e do jornalismo, as grades analisadas entre os anos de 1973 e 1984 conferem novas nuances nesse fenômeno, com dois grandes movimentos de mudança em sequência – um focado nos dois primeiros anos do curso e outro nos dois últimos.

Em primeiro lugar, houve um movimento de consolidação e expansão das disciplinas de comunicação, com foco nas disciplinas dos dois primeiros anos do curso que compunham o chamado Ciclo Básico. Diferentemente dos anos iniciais do curso, o Ciclo Básico mostrou uma constância notável, com poucas alterações no período analisado, indicando uma pacificação interna sobre quais disciplinas deveriam compor esse ciclo. Ao mesmo tempo, esse cenário indica um campo da comunicação mais consolidado que no período anterior (1967 a 1972). Esse quadro se estendeu entre os anos de 1973 a 1980.

A partir de 1980, porém, surge outro movimento de destaque: a expansão acelerada e significativa de disciplinas específicas de jornalismo na grade curricular, que até então haviam tido poucas mudanças ou novidades. O conjunto de matérias que versam sobre aspectos teóricos e práticos da área ganha um espaço expressivo na grade a partir de 1981, em detrimento das disciplinas de comunicação e das disciplinas gerais das humanidades/ciências humanas. Como resultado, a última grade analisada, de 1984, trouxe uma novidade: as disciplinas específicas de jornalismo passaram a ser responsáveis por mais de 50% da grade curricular.

Se as grades de 1967 a 1972 chamaram atenção por ilustrar um movimento de surgimento e consolidação do campo da comunicação, as grades de 1973 e 1984 mostram-se particularmente interessantes para ilustrar um esforço de estruturação de um possível campo próprio do jornalismo, o que exigiria um conjunto de disciplinas próprias, incorporadas exatamente a partir de 1980.

Em análises impressionistas dos currículos dos anos posteriores, é notável, ainda, a diminuição de disciplinas do curso de jornalismo ministradas pelo



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Departamento de Comunicações e Artes, historicamente considerado responsável pela maioria das disciplinas do chamado Ciclo Básico, com uma concentração das disciplinas do curso no próprio Departamento de Jornalismo e Editoração.

Constituir uma grade curricular que receba novas disciplinas mantendo todas as originais é um processo complexo. Assim, a decisão tende a obrigar a remoção de ao menos parte das disciplinas originais. É notável, portanto, que a opção adotada nesse momento foi a de eliminar disciplinas da comunicação e generalistas, indicando uma priorização de disciplinas específicas do jornalismo que passará a ser uma constante do curso em todas as outras fases da grade curricular analisada, até o ano de 2025.

Outro destaque dessa fase é a consolidação das disciplinas laboratoriais. Comparando as grades de 1973 e 1984, houve uma redução do total de disciplinas (de 59 para 44). Mesmo com uma redução de carga horária em algum grau, a queda expressiva de disciplinas indica, na verdade, que ao menos parte da carga total de 1973 foi incorporada em outras disciplinas. As informações indicam que a absorção ocorreu, principalmente, pelas disciplinas laboratoriais. Assim, uma hipótese que emerge dos estudos é uma priorização, no curso, de disciplinas práticas em relação às disciplinas teóricas, mesmo no caso das específicas de jornalismo.

REFERÊNCIAS

ÁGORA ECA. **Professores cassados: José Marques de Melo**. São Paulo, 4 jun. 2021. Disponível em: <https://www.agoraeca.com.br/2021/06/04/professores-cassados-jose-marques-de-melo/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

ÁGORA ECA. **Professores cassados: José Freitas Nobre**. São Paulo, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://www.agoraeca.com.br/2021/06/21/professores-cassados-jose-freitas-nobre/>. Acesso em 13 mar. 2026.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

POMENTO

APOIO



ÁGORA ECA. **Professores cassados: Jair Borin**. São Paulo, 2 jul. 2021. Disponível em: <https://www.agoraeca.com.br/2021/07/02/professores-cassados-jair-borin/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

ÁGORA ECA. **Professores cassados: Sinval Medina**. São Paulo, 16 jul. 2021. Disponível em: <https://www.agoraeca.com.br/2021/07/16/professores-cassados-sinval-medina/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

BUITONI, D. H. S. **Memorial**. São Paulo: Memorial apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração ECA-USP para o cargo de Professor Titular, 1991. Disponível em:

CHRISPINIANO, J.; FIGUEIREDO, C. “A ECA é o principal foco de agitação da USP”. **Revista Adusp**, São Paulo, out. 2004. p. 63-68. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/wp-content/uploads/2004/10/r33a10.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2026.

DIAS, V. Perseguição política a professores marcou anos iniciais da ECA/USP. **Jornal da USP**, São Paulo, 10 jul. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/perseguiacao-politica-a-professores-marcou-anos-iniciais-da-eca-usp/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

DIAS, H.; DIAS, V. O trágico início do fim da ditadura militar. **Jornal da USP**, São Paulo, ano 31, n. 1085, 2015, p. 10. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002725027.pdf>. Acesso em 14 mar. 2026.

FREITAS, J. M. M. **Memorial**. São Paulo: Memorial apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração ECA-USP para o cargo de Professor Titular, 1994.

KOSHIYAMA, A. M. A prática política para ser jornalista: ECA-USP 1975-1976. 1999, **Anais..** Rio de Janeiro: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1999. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/001048445.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2026.

MALAR, J. P.; GARCIA, B. M. Análise das grades curriculares do curso de Jornalismo da ECA-USP: anos iniciais (1967-1972). In: Anais do 24º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo, 2025, Curitiba. **Anais eletrônicos...**, Galoá, 2025.

OLIVEIRA, M. R. de. A trajetória dos currículos mínimos no Brasil para os cursos de Jornalismo/Comunicação: perfis formativos e modelos em disputa. In: PÔRTO JR., G.; ORMANEZE, F. (Orgs.). **Ensino de jornalismo na contemporaneidade: perspectivas e provações**. Palmas: Observatório Edições, 2023. Disponível em: https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/4831/6/Livro%20Ensino%20de%20Jornalismo_2023.pdf. Acesso em 14 mar. 2026.